

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

4/5



Edições
Colibri

◁▷↖↗↘↙⊙⊛⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿⋄⋆⋇⋈⋉⋊⋋⋌⋍⋎⋏⋐⋑⋒⋓⋔⋕⋖⋗⋘⋙⋚⋛⋜⋝⋞⋟⋠⋡⋢⋣⋤⋥⋦⋧⋨⋩⋪⋫⋬⋭⋮⋯⋰⋱⋲⋳⋴⋵⋶⋷⋸⋹⋺⋻⋼⋽⋾⋿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓓⓔⓖⓗⓙⓚⓛⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓓⓔⓖⓗⓙⓚⓛⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿

(pp. 28,163) fale em «libertar a Bíblia hebraica do cativo em que foi metida pela sua (des)classificação (Abstempelung) como simples e ultrapassado estágio preparatório da Bíblia cristã» (p. 38). Se não queremos com radical coerência abandonar de vez a teologia do Antigo Testamento por uma história da religião de Israel (Rainer Albertz, em comunicação particular) pode-se ir tão longe como G. von Rad: «Tem que se perscrutar o Antigo Testamento até com o risco de ouvir vozes que não se possam imediata e facilmente compreender como cristológicas ou usar teologicamente» (citado p. 87). Não parece é que a hermenêutica «compreensiva» do Autor seja mais bem sucedida do que a que critica em A. H. J. Gunneweg.

Na história da investigação, é tão acertado valorizar o período pós-exílico como «época formativa a que o Antigo Testamento deve a sua forma actual» (p. 59, em «Zur Bedeutung des Kanons für eine Theologie des Alten Testaments», pp. 54-63; ver ainda «Das Bild des nachexilischen Israel in der deutschen alttestamentlichen Wissenschaft von Wellhausen bis von Rad», pp. 72-80) como agradável recordar a evolução dos métodos e das teorias nos últimos quarenta anos, do ponto de observação de Heidelberg («Nach vierzig Jahren», última lição, pp. 29-39).

José Nunes Carreira

AVRAHAM NEGEV (ed.), *Archaeologisches Biblelexikon*, Hänssler-Verlag, Neuhausen-Stuttgart 1991. ISBN 3-7751-1685-0.

Quase 100 anos exactos depois que W. M. Flinders Petrie, o «patriarca da arqueologia bíblica», impôs o método certo em Tell el-Hesi (1890) e a outros tantos da fundação da École Biblique de Jerusalém, sai a 2.^a edição deste «Dicionário de Arqueologia Bíblica». No fundo, está a nova edição da *Archaeological Encyclopaedia of the Holy Land* (Jerusalém 1986), organizada pelo professor de Arqueologia Clássica na Universidade Hebraica de Jerusalém, A. Negev. São cerca de 600 artigos, apoiados por 344 ilustrações (além das 286 numeradas, a preto e branco e ao correr do texto, mais 58 a cores e em extratexto). Colaboraram na edição original inglesa vários arqueólogos de institutos e universidades israelitas e estrangeiros (entre estes, Jean-Baptiste Humbert, da École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem e o falecido

Nelson Glueck, em vida professor e presidente do Hebrew Union College). A edição alemã foi trabalhada e actualizada pela arqueóloga Renate Rosenthal-Heginbottom e pelo professor de Antigo Testamento e arqueólogo Wolfgang Zwickel.

Aí está uma excelente obra de consulta não só para os ricos e numerosíssimos sítios arqueológicos da Terra Santa, mas também para os dados disponíveis sobre o mundo sócio-económico, religioso e cultural em que nasceu a Bíblia (artigos sobre agricultura, artesanato, lagares, pesos e medidas, especiarias; banhos, casa e móveis; templo, sinagoga, igreja, práticas funerárias; estradas, fortificações e armas).

Sítios famosos, como Gerasa, Haçor (Hazor), Jericó, Jersualém, Megiddo, Petra (até Arad e Gezer) são tratados profusamente. Não se esquecem os povos vizinhos (Amonitas, Amoritas, Arameus, Babilónios, Egípcios, Edomitas, Fenícios, Filisteus, Hititas, Moabitas, Nabateus), embora nem sempre com o desejado desenvolvimento (excepção feita aos Nabateus). Recordo as fortalezas de Asmoneus e de Herodes Magno, posto que quase desaparecidas (caso de Alexandreion, no pico dificilmente acessível de Qarn Sartabe). Apraz-me registar as 13 colunas dedicadas a «Inscrições», não só as mais famosas e conhecidas de há mais tempo do Sinai (escrita proto-sinaítica), de Gezer (alfabeto), Lakish (cartas) e Siloé (túnel de Ezequias), mas também as numerosas inscrições cuneiformes e as poucas hieroglíficas de que ninguém fala. Entre os *ostraka* descobertos em 1960 num forte junto ao porto de Yabne, encontrou-se uma carta de um pobre ceifeiro de uma herdade régia, garantindo que não despegou do trabalho antes do sol-posto e não merecia que lhe confiscassem o fato: «Meu senhor... queira fazer ouvir a palavra do teu servo. Teu servo andava na ceifa, teu servo na quentura do dia. Teu servo colhia, media e empilhava como todos os dias. E veio Hoshayahu, filho de Shobai e levou o fato do teu servo... E todos os meus companheiros testemunharão em meu favor, que colhiam comigo no calor do dia, meus companheiros darão testemunho em meu favor. Se não tenho culpa, então devolve-me o meu fato» (p. 196). É a situação prevista em Ex 22,25-27; Dt 24,12.

Ilustra-se o artigo «Dinheiro» (Geld), com a reprodução primorosa de 10 moedas, do século IV a. C. (Sídon) a Justino II (518-527). Dão-se as identificações indiscutíveis de Tell el-Mutsellim com Megiddo, Tell el-Qeda com Haçor, as quase certas de Tell el-Far' ah (Norte) com Tirsa e Tell el-Far'ah (Sul) com Sharuhem e as possíveis de Tell Der-' Alla, «uma das

mais importantes colinas habitadas da fossa do Jordão» (p. 101) – com Sukkot.

O artigo «Arqueologia» é obviamente desenvolvido e bem tratado – história da investigação e métodos. A apresentação destes (p. 38) começa com duas citações: «Escavar é uma arte e uma ciência» (W. F. Albright); «não um único método de escavação correcto, mas muitos errados» (M. Wheeler). Só se estranha que não se confronte o método vertical, aperfeiçoado por este e praticado pela generalidade dos arqueólogos ingleses e americanos (com excepção de Albright), e o método horizontal, da simpatia de israelitas e franceses. Só por lapso, não se menciona na história da investigação a para o tempo excelente escavação de Jericó por E. Sellin e C. Watzinger em 1907-1909 (p. 37). É preciso saltar ao artigo «Jericó» (Jericho) para colmatar a lacuna (p. 209), depois da nota sobre o desânimo de C. Warren em 1868 (a curta «escavação» convenceu que o lugar não valia a pena) e antes da menção das campanhas de J. Garstang (1930-1936) e K. Kenyon (1952-58).

Mal se nota um certo fundamentalismo israelita: a estela de Merenptah relataria «como os Israelitas penetraram em Canaã enquanto liga tribal» (p. 193). O historiador fica espantado como um clã a movimentar-se algures na montanha central da Palestina é transformado de um golpe em «liga tribal». Se não é ignorado, o Novo Testamento tem uma presença demasiado discreta no «Dicionário» (só duas citações dos *Actos dos Apóstolos* em «Damasco» e três linhas em «Nazaré»). Altíssima é a data da primeira penetração de «Amoritas na Mesopotâmia (p. 25: 3000 a. C.!). Que havia semitas vindos de Oeste, não há dúvida. Mas ninguém lhes chamou «Mar.tu» nem «amurru», que se saiba. Pequenos lapsos que não tiram mérito à Obra, globalmente muito bem conseguida.

José Nunes Carreira

GAY ROBINS, *Proportion and Style in Ancient Egyptian Art*, University of Texas Press, Austin, 1994, 284 pp., ISBN 0-292-77064-2

Gay Robins, assistente de Arte do Antigo Egipto e do Próximo Oriente na Emory University (Texas) e conservadora da secção de arte egípcia no Museu da Universidade Michael C. Carlos, oferece-nos neste belo volume um profundo estudo sobre as grelhas preliminares, orientadoras da